

VILÉM FLUSSER Respostas em torno do filme "2001".

Comparem os seguintes textos: (1) Newton: "Comportei-me como um menino que brinca na praia, que se diverte com pedrinhas um pouco mais lisas, ou com conchas um pouco mais bonitas, e não descobri o grande oceano da verdade diante de mim." (2) Hume: "Newton, ao retirar aparentemente o véu de alguns mistérios da natureza, recolocou os seus derradeiros segredos naquela escuridão, dentro da qual sempre estiveram e sempre estarão." (3) Heisenberg: "A ciência exata da natureza progride acreditando na possibilidade de compreender a natureza em toda nova região de experiências; mas o significado da palavra "compreender" deixou de ser definido no início da ciência, e nunca o será satisfatoriamente." Há uma nítida linha que une estes três textos. O primeiro afirma a existência da grande verdade, e nega apenas que a ciência se tenha, até agora, aproximado dela. O segundo concorda com a existência da grande verdade, mas nega que a ciência, (e a razão em geral), possa aproximar-se jamais dela. O terceiro afirma que o termo "verdade" exige definição, e nega que uma definição satisfatória seja possível. Sem querer exagerar a importância do filme epigráfico, e sem querer comparar o seu autor com os três autores citados, sugiro que o filme, tomado como texto, possui o sentido falar-se em "verdade", e embora devamos calar aquilo que não pode ser falado, a perseguição absurda dessa noção absurda é a mola que impulsiona a humanidade. O propósito, (quichotesco), do presente artigo é este: contarei primeiro a história da ciência moderna, depois a história do filme, e finalmente procurarei amalgamar as duas histórias numa historieta a ser chamada: "Louvor da futilidade".

A história da ciência moderna pode ser contada de vários ângulos, entre os quais escolhi dois, por serem convenientes ao propósito deste artigo. O primeiro enfoca a ciência como passagem entre duas sentenças contraditórias, a saber: "Hypotheses non fingo: Omnis hypothesis fictio" (não finjo hipóteses: toda hipótese é fingida). O segundo ângulo enfoca a ciência como um discurso que parte de promissas inconfessas e variáveis, das quais a primeira é: "Toda natureza é ordenada, (de preferência na forma de algarismos inteiros)", e a última é: "A ciência projeta lúdicamente ordens variáveis" ("A natureza não é dada nem se impõe: apenas cada um de nós a impõe para si mesmo." Max Born). O primeiro ângulo é pois epistemológico e diz como a ciência conhece. O segundo é ontológico e diz o que é aquilo que a ciência conhece. Assim o primeiro.

Os cientistas modernos sabem que todo enunciado científico tem dois componentes: um observacional, o outro analítico e heurístico, e que a ciência é ciência apenas quando coincidem os dois componentes. Mas a interpretação dos dois componentes varia no curso da história da ciência e do seu progresso. No início parece que são escolhidos pelo cientista os elementos observados, mas que o sistema analítico é-lhe imposto. Por exemplo: parece que posso escolher se vou observar a queda do pedras ou o movimento dos astros; mas pa-

VILÉM FLUSSER

roce que não posso escolher minha aritmética, (baseada sobre números "naturais e dados"), minha geometria, (euclidiana), minha lógica (aristotélica, silogismos). Por isto o conhecimento é possível da seguinte maneira: escolho um objeto e observo como se enquadraria no sistema analítico imposto. A minha hipótese, (o componente analítico), não é fingido, mas provém da ordem natural ou divina. O sistema analítico é tautológico, (nada afirma, é redutível a zero), o sistema observacional é informativo, o conhecimento se dá quando ambos coincidem. No fim os papéis dos dois componentes se invertem. Parece que são escolhidos pelo cientista os sistemas analíticos, mas estes impõem os elementos observados. Por exemplo: parece que posso escolher entre várias geometrias, mas, feita a escolha, os fenômenos naturais se dão dentro das categorias do sistema escolhido. De maneira que as "descobertas" da ciência do século 17 não são descobertas mas invenções do sistema cartesiano. Os sistemas são ficções, as observações são suas consequências, e o conhecimento é neste sentido apenas uma convenção daqueles que concordam brincar dentro de um determinado sistema.

Assumirei o segundo ponto de vista. No início da ciência parece que a natureza é extremamente rica e caótica na sua superfície observável, mas que para a ciência pode descobrir uma simplicidade unificadora no fundo dos acontecimentos. A natureza é tomada como um labirinto, no qual, é verdade, numerosos caminhos se perdem, mas outros, (os "certos"), conduzem ao centro simples e claro. A ciência é a descoberta desses caminhos, portanto da "realidade". No fim parece que quanto mais a ciência avança para além das aparências, tanto mais se afasta da realidade. Em outras palavras: que por trás das aparências não há nada. Esse "nada", que é o resultado do avanço, infiltra as próprias aparências, e esvasia a natureza, (abandono da solidez dos corpos, da plenitude do espaço, (éter), da absolutez e univocidade do tempo, etc). Retomando a imagem do labirinto, podemos dizer que atualmente a ciência crê que não importa que caminho conduza ao seu centro, (é "certo"), mas que no centro não há nada, (ou um espelho que reflète o próprio cientista).

Os dois ângulos concordam na diagnose atual da ciência, chamada, deste ponto de vista e de numerosos outros, "crise". Essa crise não impede, obviamente, que a ciência se desenvolva com rapidez geométrica acelerada. Mas importa, se não for superada, que a ciência continue sendo o nosso substituto da fé, a nossa "autoridade". Por isto creio que a crise da ciência e a crise da autoridade, (da qual tanto se fala), são uma e a mesma coisa.

Contarei agora a história do filme. Numa borda de antepaíses ancestrais do homem, vivendo entre fauna e flora pliocénica, aparece um objeto anti-natural, um bloco de forma geométrica pura. A experiência desse objeto provoca nos hominídeos aquele espanto que os transforma em homens, isto é: em seres que compreendem e manipulam, (no caso: compreendem um osso como alavanca, e o manipulam como arma). O mesmo objeto anti-natural reaparece no ano 2001 na base americana na Lua. (Notem que o ano 2001 é futurável para grande par-

3

te de humanidade atual, que pode esperar presenciá-lo, salvo acidentes de trânsito ou de equilíbrio entre União Soviética e Estados Unidos). Mas a hora e espanto que o objeto causa já não pode transformar animais em homens, porquo incide sobre homens. Transformará portanto homens em seres novos e inimagináveis.

O objeto anti-natural ocorre na natureza, (no caso: no solo da lua, no qual foi enterrado há 4 milhões de anos). É portanto, do certa maneira, analisável naturalmente. Por exemplo: pode ser constatado que está ligado com o planeta Júpiter por ondas. Donde a hipótese de inteligências naquele planeta. Em consequência, uma expedição é enviada a Júpiter, tripulada por dois astronautas americanos encarregados da pilotagem do foguete, três tripulantes em hibernação, que serão descongelados em Júpiter afim de investigar as inteligências lá existentes, e controlada por um computador muito aperfeiçoado. O computador imita o intelecto humano e as emoções humanas tão perfeitamente, que a pergunta, "pensa e sente realmente?" passa a não ter sentido. Mas supora o homem pela rapidez do raciocínio, pela quantidade de informações guardadas na sua memória, e pela sua superioridade na captação de fenômenos externos. Em suma: o computador é um superhomem, no sentido de ser um homem superior em todas as capacidades tipicamente humanas. É ele pois o derradeiro resultado daquele primeiro espanto dos hominídeos.

Há, no entanto, uma falha curiosa no computador: foi programado para ser infalível. Em outras palavras: o conceito do erro não consta no seu programa, e, conseqüentemente, não existe erro para ele. Quando ocorre algo que é interpretado como erro do computador pela tripulação, (embora seja interpretado do como erro humano pelo computador), cessa a possibilidade de diálogo entre ambos. Essa impossibilidade está na incapacidade do computador de assimilar uma informação que prova seu erro, e neste sentido os tripulantes, (que se sabem falíveis), são superiores. Mas está também na sensação surda que invade tão tanto computador quanto tripulantes logo do início da missão: sensação (causada pelo objeto anti-natural), de algo misterioso. Na falta de diálogo o computador, ameaçado de ser desligado, mata os três tripulantes em hibernação e um dos tripulantes ativos. O sobrevivamente desliga o computador gradualmente, este entra em decadência jungiana, e cessa.

Eliminado o controle do superhomem computador, portanto do intelecto típica-mente humano, a nave entra em trajetória fantástica para além de Júpiter e além do universo da ciência, ultrapassando galáxias, supernovas, e antimundos em explosão, tendo o objeto anti-natural como guia que ora aparece, ora desaparece. Neste ponto a história deixa de ser discursiva, para passar a ser uma série de instantes. Discursivamente, o seguinte pode ser dito: o sobrevivente, (o primeiro ser a transformar-se pelo novo espanto), aterriza em situação, na qual as categorias humanas não mais se aplicam. Vê-se a si mesmo como homem maduro, como ancião, como quase-cadáver, como feto, e como corpo celeste, e tudo isto numa mansão tradicional, em uma de cujas salas se ergue o objeto anti-natural, inacessível e misterioso que o transformou, mas que continua inacessível e misterioso.

4

4

VILÉM FLUSSER

A historieta, chamada "Louvor da futilidade", que quero contar, é esta: O homem distingue-se dos entes que o cercam pelo fato que existe. Isto é: a penas ele não se enquadra na situação, mas a supera anti-naturalmente. Esta sua dimensão anti-natural, (pela qual existe), não é sobrenatural, já que não aponta uma "sobrenatureza", mas aponta nada. Indo nessa direção, o homem não chega a lugar nenhum, (lugar esse chamado "Utopia" pelos antigos). Querer sair da sua situação é intolentemente fútil. Pois é esta futilidade que caracteriza o homem. Sempre o caracterizava. Mas agora se tornou consciente. O homem sempre se dedicava a futilidades, (chamadas "conhecimento da verdade"), mas agora sabe que são futilidades. Na palavra de Heisenberg: "pela primeira vez na história o homem enfrenta-se a si mesmo, e não encontra mais nem parceiro nem inimigo". Essa futilidade, e o saber dessa futilidade, é a dignidade humana. Graças a ela ele é homem, e graças a ela ele pode, fútilmente, superar-se a si mesmo.

A minha historieta foi sugerida pela crise da ciência e pelo filme discutido. Não será ela, acaso, a História da Humanidade?